



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

ISABELLA MARQUES LEITE SILVA

**RELAÇÕES DE TRABALHO EM VIA ÁPIA E A CRIMINALIDADE COMO
ORGANIZADOR SOCIAL**

Rio de Janeiro

2025

ISABELLA MARQUES LEITE SILVA

**RELAÇÕES DE TRABALHO EM VIA ÁPIA E A CRIMINALIDADE COMO
ORGANIZADOR SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras: Português e Inglês.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Danielle dos Santos Corpas

Rio de Janeiro

2025

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Isabella Marques Leite
5586r Relações de trabalho em Via Ápia e a
criminalidade como organizador social / Isabella
Marques Leite Silva. -- Rio de Janeiro, 2025.
29 f.

Orientadora: Danielle dos Santos Corpas.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês,
2025.

1. Via Ápia. 2. Geovani Martins. 3. Trabalho. 4.
Criminalidade. 5. Juventude periférica. I. Corpas,
Danielle dos Santos, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Elenir e Rogério, pelo amor incondicional e pelo apoio que sustentou cada passo desta jornada. Obrigada por acreditarem em mim, por cada incentivo e por me guiarem, de todos os jeitos possíveis, rumo à minha melhor versão. Amo vocês infinitamente.

A todos os familiares que sempre torceram e acreditaram em mim.

Às amigas com quem compartilhei minhas angústias, medos e inseguranças e que me acolheram com muito afeto e compreensão.

À minha psicóloga, Rebeca Japiassu, por cada conversa que trouxe luz, acolhimento e perspectiva, ajudando-me a compreender caminhos e a produzir este trabalho com mais segurança e serenidade.

À professora Danielle Corpas, pelas valiosíssimas aulas de Teoria Literária e pela orientação tão importante e enriquecedora que me ajudou em momentos de questionamento e hesitação.

A todos os professores da Faculdade de Letras que fizeram parte da minha trajetória acadêmica e me marcaram com seu ensino libertador. Por ampliarem meus horizontes e compartilharem seus inestimáveis conhecimentos.

RESUMO

SILVA, Isabella Marques Leite. Relações de trabalho em *Via Ápia* e a criminalidade como organizador social. Rio de Janeiro, 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras: Português e Inglês) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

Romance de estreia de Geovani Martins, *Via Ápia* aborda a trajetória de cinco jovens da Rocinha que vivem os efeitos da precarização das relações de trabalho, da informalidade e das tensões produzidas pela presença estruturante do narcotráfico e da violência policial na favela. Ao acompanhar Washington, Wesley, Douglas, Murilo e Biel, a obra revela como suas escolhas são moldadas por desigualdades históricas que limitam as possibilidades de mobilidade social e transformam o crime em um horizonte frequentemente mais acessível do que o trabalho formal. Esta monografia tem como objetivo analisar as relações de trabalho representadas no romance e refletir sobre o enfraquecimento da ideologia do trabalho entre jovens periféricos e a configuração da criminalidade como alternativa concreta de renda, reconhecimento e pertencimento. A pesquisa dialoga com autores como Ludmila Abílio, Alba Zaluar e Sérgio Adorno para compreender como juventude, trabalho e criminalidade se cruzam na obra e na realidade das periferias urbanas.

Palavras-chave: *Via Ápia*; trabalho; neoliberalismo; juventude periférica; criminalidade; favela.

ABSTRACT

Via Ápia, the debut novel by Geovani Martins, follows the journey of five young men from Rocinha who experience the effects of precarious labor relations, informal work, and the tensions produced by the structural presence of drug trafficking and police violence in the favela. By tracking the lives of Washington, Wesley, Douglas, Murilo, and Biel, the novel reveals how their choices are shaped by historical inequalities that limit possibilities for social mobility and make crime often a more accessible horizon than formal employment. This monograph aims to analyze the labor relations represented in the novel and reflect on the weakening of the ideology of work among marginalized youth and the configuration of crime as a concrete alternative for income, recognition, and belonging. The research engages with authors such as Ludmila Abílio, Alba Zaluar, and Sérgio Adorno to understand how youth, labor, and criminality intersect in the book and in the reality of urban peripheries.

Keywords: *Via Ápia*; labor; neoliberalism; marginalized youth; criminality; favela.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. AS FAVELAS CARIOCAS: O SOLO HISTÓRICO DA FICÇÃO DE GEOVANI MARTINS	9
2.1. AS PRIMEIRAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO.....	9
2.2. ASPECTOS SOCIAIS E DEMOGRÁFICOS DAS FAVELAS CARIOCAS	11
2.3. A FAVELA DA ROCINHA.....	12
2.4. A ROCINHA DE GEOVANI MARTINS	14
3. IDEOLOGIA DO TRABALHO EM VIA ÁPIA	15
3.1. TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS	15
3.2. INFORMALIDADE COMO MEIO PARA A LIBERDADE: FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA.....	18
4. JUVENTUDE CERCADA: CRIMINALIDADE À ESPREITA EM VIA ÁPIA	22
4.1. ADOLESCÊNCIA ENQUANTO PROBLEMA SOCIAL	22
4.2. A FAVELA COMO UM ESPAÇO PREDOMINANTEMENTE JUVENIL	23
4.3. CRIMINALIDADE EM VIA ÁPIA	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

1. INTRODUÇÃO

O trabalho enquanto atividade de produção de condições de vida e modificação do mundo natural é indissociável da própria humanidade e assume diferentes configurações conforme as etapas da história das civilizações. Na Pré-história, por exemplo, estava associado às atividades de caça e coleta, representando o labor totalmente voltado para a subsistência. Nos séculos seguintes se deu a Revolução Agrícola, fenômeno que permitiu à humanidade uma configuração sedentária em que a fixação em um pedaço de terra é viabilizada pela presença de recursos naturais que melhor atendem às necessidades humanas. O trabalho agrícola torna-se central e em civilizações como Egito, Grécia e Roma a escravidão passa a figurar como principal força produtiva. Na Idade Média, o feudalismo estabeleceu relações entre senhores e servos formando um sistema de trabalho baseado na dependência e subsistência, enquanto a Modernidade e as Revoluções Industriais transformaram o trabalho em mercadoria, submetendo-o à lógica do capital e à produção em larga escala. Ao longo dos séculos, o trabalho deixou de ser apenas meio de sobrevivência e se tornou um marcador social, definindo as desigualdades que estruturam as sociedades.

Na contemporaneidade, as transformações tecnológicas e o avanço de políticas neoliberais provocaram mudanças profundas na organização do trabalho. No contexto brasileiro, assim como em outras partes do globo, direitos sociais e conquistas históricas foram gradativamente suprimidos, e as relações de trabalho tornaram-se cada vez mais fragilizadas. O trabalhador, antes amparado por um conjunto de garantias formais, encontra-se então diante de um cenário de instabilidade e desamparo, o que o leva a buscar novas modalidades de trabalho informal e precarizado. As camadas mais pobres da sociedade foram as principais afetadas pelos efeitos ideológicos e materiais da virada neoliberal, que intensificou desigualdades e corroeu a noção de segurança antes oferecida. Nesse contexto, o trabalho formal deixa de representar uma promessa de segurança e estabilidade. Tal processo impacta sobretudo jovens das periferias que, ao presenciarem familiares e conhecidos sendo submetidos a condições laborais precarizadas e degradantes, passam a questionar o sentido de se submeter a um sistema de exploração que parece oferecer poucas perspectivas de valorização, dignidade e reconhecimento.

É nesse cenário que se insere o romance *Via Ápia* (2022), de Geovani Martins. A narrativa acompanha o cotidiano de cinco jovens moradores da favela da Rocinha com cerca de 20 anos cujas trajetórias são atravessadas pelas questões da organização e precarização do trabalho na contemporaneidade. Vivendo em um ambiente que parece física e simbolicamente separado do resto da cidade do Rio de Janeiro, Washington, Wesley, Douglas, Murilo e Biel

enfrentam não apenas os desafios inerentes à juventude, mas também as dificuldades impostas pela condição de serem jovens periféricos, em sua maioria negros - Biel é o único branco do grupo - que buscam se afirmar social e economicamente. Além disso, o contexto da instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na favela da Rocinha altera de maneira significativa todo o funcionamento e a dinâmica dentro da comunidade.

Na obra de Geovani Martins, nenhum dos jovens protagonistas se envolve diretamente com a criminalidade armada do narcotráfico. Biel é o único que chega a comercializar drogas, vendendo para seus amigos da Zona Sul, enquanto os demais fazem apenas uso recreativo de maconha e, eventualmente, cocaína – apenas Wesley acaba desenvolvendo um vício. Apesar disso, eles estão imersos em um ambiente em que o tráfico está fortemente presente, representando uma forma de organização social e econômica que oferece a muitos jovens como eles uma alternativa de inserção, reconhecimento e pertencimento que lhes é negada pelos meios formais de trabalho. A situação desses jovens, portanto, não deve ser vista como um caso isolado, mas como um sintoma de problemas sociais profundamente enraizados na estrutura da sociedade brasileira, em especial na realidade urbana e desigual da cidade do Rio de Janeiro.

Este trabalho, resultado de pesquisa de iniciação científica, tem como objetivo analisar a relação de cada uma das personagens principais do romance de Geovani Martins com o trabalho dentro do contexto sociopolítico apresentado e investigar como o narcotráfico, que também possui uma estrutura organizada de trabalho, configura como uma possibilidade concreta na vida de tantos jovens das periferias. Para isso, parte-se de uma contextualização histórica do surgimento das favelas no Rio de Janeiro e da constituição demográfica desses espaços, seguida de uma reflexão sobre a ascensão do neoliberalismo no Brasil e seus efeitos ideológicos na população e na organização do trabalho. Em um segundo momento, a pesquisa aborda a relação entre adolescência e criminalidade, que é permeada por fatores econômicos, culturais e institucionais, articulando essas dimensões com a representação literária proposta por Geovani Martins.

2. AS FAVELAS CARIOCAS: O SOLO HISTÓRICO DA FICÇÃO DE GEOVANI MARTINS

2.1. AS PRIMEIRAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

Historicamente as favelas são locais associados à marginalidade e exclusão. Entender sua origem é necessário para que se possa contextualizar aspectos sociais e demográficos perceptíveis hoje, especialmente em *Via Ápia*. Ambientado na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, o romance de Geovani Martins faz desse espaço quase que um personagem. Com um ritmo pulsante que se derrama na vida dos protagonistas, a favela da Rocinha é um organismo em pleno funcionamento interligado por becos, vielas e caminhos muito conhecidos por seus moradores. Portanto, entender como se deu o surgimento desse espaço e, principalmente, como seus habitantes chegaram até ali, é essencial para compreender de que modo ele se tornou um espaço física e simbolicamente separado do restante da cidade, marcado pela precariedade, pela desigualdade e pelos estereótipos que recaem sobre seus moradores.

As primeiras favelas do Rio de Janeiro surgiram no século XX, mas suas origens remontam ao século XIX, quando uma série de transformações políticas, sociais e econômicas criou as condições para o aparecimento das primeiras habitações irregulares do país. Com a abolição da escravidão no Brasil em 1888, milhares de pessoas recém-libertas encontraram-se completamente desamparadas. O Estado brasileiro não implementou políticas públicas voltadas para sua inserção no mercado de trabalho nem garantias mínimas de segurança, alimentação, saúde ou moradia. Dessa forma, muitos desses indivíduos permaneceram à margem da sociedade, recorrendo à ocupação de morros e terrenos baldios nas proximidades do centro urbano em busca de abrigo e sobrevivência. Outros se estabeleceram nos numerosos cortiços localizados no centro da cidade do Rio de Janeiro. Ali se concentrava grande parte da população carioca de baixa renda que não tinha recursos para ter uma moradia própria e legalizada. Esse cenário evidencia que o surgimento das favelas não foi um acidente urbano, mas o resultado direto da exclusão estrutural que marcou a transição do regime escravista para a república.

Em 1897, após a violenta Guerra de Canudos, conflito travado no sertão da Bahia, muitos soldados que participaram da campanha militar retornaram ao Rio de Janeiro sem terem recebido os soldos prometidos pelo governo republicano. Sem recursos, nenhuma assistência e totalmente desamparados, passaram a ocupar o Morro da Providência, nas proximidades do centro da cidade, construindo barracos improvisados enquanto aguardavam o pagamento que nunca chegou. A ocupação recebeu o nome de “Morro da Favela” em referência à planta favela, um

arbusto resistente e espinhoso comum na região do sertão baiano, onde as tropas lutaram, e o termo acabou se expandindo para designar outras ocupações semelhantes que surgiram posteriormente.

No início do século XX, sob a gestão do prefeito Pereira Passos, o Rio de Janeiro foi submetido a um grandioso projeto de modernização que buscava aproximar esteticamente a cidade carioca da moderna Paris, que havia passado por uma reforma significativa no século XIX implementada pelo Barão de Haussmann por ordem de Napoleão III. No Brasil, o ambicioso projeto foi financiado pelo presidente Rodrigues Alves e teve início em 1903, tendo como principal objetivo romper com os vestígios urbanos do período colonial, ao mesmo tempo em que procurava implementar na cidade uma infraestrutura sanitária moderna, então extremamente precária. À época, o centro da cidade do Rio de Janeiro era densamente ocupado por cortiços habitados por famílias de baixa renda, ex-escravizados e qualquer pessoa que não tivesse acesso a moradias legalizadas nem renda compatível com tal empreitada. As reformas urbanas promovidas por Pereira Passos na virada do século tinham como principal objetivo a construção de avenidas largas, para a passagem de carros, e mais arborizadas e, para isso, foi considerada indispensável a demolição massiva desses cortiços. O resultado foi o despejo compulsório de milhares de moradores, sem qualquer tipo de indenização ou alternativa habitacional. Desalojadas, essas populações passaram a buscar abrigo em áreas periféricas e mais afastadas da capital, dando continuidade a um processo de favelização que se consolidaria nas décadas seguintes. Trata-se, portanto, de uma modernização que tomou modelos estrangeiros como referência, mas ignorou profundamente as necessidades das pessoas que aqui viviam.

Na época, as ideias eugenistas ganhavam cada vez mais força na Europa e passaram a influenciar significativamente setores da elite intelectual e política brasileira. Inseridas nesse contexto, as reformas urbanas, além de representarem um passo importante para a modernização da cidade, também foram entendidas como uma espécie de “limpeza” do centro, que não deveria ser ocupado por pessoas consideradas inferiores e que, sob essa lógica, prejudicariam a imagem cosmopolita que se pretendia construir para o Rio de Janeiro. Portanto, a remoção dessas populações não foi apenas um efeito colateral das reformas, mas parte de um projeto higienista que associava pobreza, raça e degeneração, reforçando a segregação espacial que marcaria a formação das primeiras favelas do Rio de Janeiro.

O êxodo rural foi um fenômeno que também intensificou o processo de favelização. Ao longo do século XX, muitas pessoas migraram de áreas rurais em direção aos centros urbanos em busca de melhores condições de vida e oportunidades de emprego, sobretudo para a região Sudeste do país, onde ocorriam maiores atividades econômicas e que apresentava um processo

de industrialização mais avançado. Dessa forma, se deu um crescimento urbano rápido e intenso que não foi planejado e, portanto, não havia estrutura que comportasse a chegada dessa população. A oferta de moradias formais era insuficiente e os preços incompatíveis com os baixos salários dos trabalhadores recém-chegados, o que fez das favelas a alternativa mais viável, e em muitos casos a única, para sua fixação na cidade. Assim, as favelas cresceram não apenas em número, mas também em densidade demográfica e complexidade interna, consolidando-se como espaços marcados pela autoconstrução, autorregulação, pela ausência de serviços públicos e por redes comunitárias fundamentais para a sobrevivência de seus habitantes.

2.2. ASPECTOS SOCIAIS E DEMOGRÁFICOS DAS FAVELAS CARIOCAS

As primeiras favelas do Rio de Janeiro surgiram, portanto, em uma situação de ilegalidade e segregação socioespacial promovida pelo Estado brasileiro. A povoação de espaços desocupados, principalmente morros, se deu como resposta direta a políticas de exclusão que visavam a transformar a cidade em um lugar habitado majoritariamente pela elite e que seguisse seus valores estéticos, ainda que isso significasse deslocar populações inteiras sem oferecer qualquer alternativa habitacional. As camadas mais pobres, que não tinham acesso a moradias legalizadas, eram desapropriadas de suas habitações e abandonadas à sua própria sorte, inaugurando um processo de marginalização urbana que marcou profundamente a formação do Rio de Janeiro moderno.

A configuração demográfica das favelas cariocas hoje reflete a permanência de desigualdades históricas enraizadas no período escravocrata e reforçadas ao longo da Primeira República e do século XX. A população desses territórios é majoritariamente composta por pessoas negras e pardas, descendentes de ex-escravizados que, após a abolição, não tiveram acesso à terra, ao trabalho formal, à educação básica e a políticas de integração social. Dados do Censo Demográfico 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹ indicam que cerca de 72,9% dos moradores das favelas do Rio de Janeiro se autodeclaram pretos e pardos, o que evidencia o legado de políticas estatais que marginalizaram populações negras após a abolição e estruturaram formas duradouras de segregação socioespacial. Esse quadro é aprofundado pelo racismo estrutural, que organiza relações sociais e institucionais no Brasil e contribui para manter a separação física e simbólica entre as favelas e o restante da cidade.

¹ <https://www.rj.gov.br/ceperj/painelpanoramadasfavelas>

Com o crescimento urbano acelerado do Rio de Janeiro e o intenso êxodo rural ocorrido entre as décadas de 1940 e 1970, uma nova onda migratória, composta majoritariamente por trabalhadores nordestinos e moradores de pequenas cidades, passou a integrar de forma expressiva as favelas cariocas. Essa população chegou à cidade em busca de melhores condições de vida e oportunidades de emprego, entretanto grande parte não conseguiu trabalhos cuja remuneração comportasse os custos de moradias legalizadas e uma vida no centro urbano, fazendo com que fossem até as favelas em busca de moradia acessível. Esse movimento ampliou e adensou a malha habitacional existente, tornando esses territórios ainda mais populosos e diversificados. Nesse contexto, a autoconstrução de moradias, a ocupação de terrenos e a expansão vertical dos domicílios consolidaram-se como estratégias de permanência diante da ausência de políticas públicas de habitação e da baixa renda de grande parte da população.

No século XXI, apesar da modernização urbana e das transformações econômicas da cidade, as favelas continuam a se configurar como alternativa habitacional para parcelas da população de baixa renda que não conseguem arcar com os custos de moradias formais. A permanência dessa dinâmica evidencia não apenas a desigualdade estrutural que marca a história da cidade do Rio de Janeiro, mas também que não há nenhum movimento governamental que busque mudar esse panorama.

2.3. A FAVELA DA ROCINHA

A favela da Rocinha hoje é a favela mais populosa do Brasil, com cerca de 72.000 habitantes e 30.300 domicílios, de acordo com o "Censo Demográfico 2022: Favelas e Comunidades Urbanas", realizado pelo IBGE². Localizada na Zona Sul do município do Rio de Janeiro, entre os bairros da Gávea, São Conrado e Vidigal, a Rocinha é conhecida por sua complexa organização e alta densidade populacional, com um sistema interno desenvolvido ao longo dos anos por seus moradores e com intervenções governamentais pontuais. A região passou a ser considerada um bairro e foi delimitada a partir da Lei nº 1995 de 18 de junho de 1993, o que resultou também em alterações nos limites dos bairros vizinhos.

Em torno das décadas de 1920 e 1930, a Rocinha começou a se formar em uma área ainda predominantemente rural, composta por sítios e pequenas chácaras que cultivavam hortaliças para abastecer os bairros da Zona Sul. O nome “Rocinha” surgiu justamente dessas pequenas roças, mantidas por diferentes famílias, entre elas imigrantes portugueses e espanhóis,

² <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202411/rocinha-continua-sendo-a-maior-favela-do-brasil-sol-nascente-vem-em-seguida>

que exploravam a produção agrícola local. A partir da década de 1940, a ocupação habitacional se intensificou: devido à situação fundiária pouco definida e ao abandono de parte das terras pelas antigas companhias, muitos trabalhadores de baixa renda e migrantes de outras regiões do país, principalmente do Nordeste brasileiro, passaram a construir moradias no local, dando início ao processo de favelização que marcaria o crescimento acelerado da comunidade.

A Rocinha se desenvolveu sem uma presença efetiva do Estado, por isso havia pouca administração pública dentro do território, o que facilitou o surgimento de redes de atividades ilícitas. A falta de políticas públicas consistentes, de presença policial qualificada e de oportunidades econômicas favoreceu a instalação e expansão do tráfico de drogas, que encontrou no território um ambiente propício para a sua organização, se estabelecendo como um novo tipo de autoridade. Alba Zaluar (2004) argumenta que a ausência de políticas públicas consistentes e continuadas, voltadas tanto para a proteção social quanto para a construção de oportunidades legítimas, contribuiu para a consolidação de redes de sociabilidade vinculadas ao narcotráfico. A falta de alternativas institucionais reforça a atração do tráfico como uma via possível, ainda que violenta e arriscada, de ascensão econômica e de reconhecimento simbólico. Zaluar demonstra que a falha do Estado em garantir presença qualificada, serviços básicos e perspectivas de futuro acabou não apenas criando brechas para a atuação de grupos criminosos, mas também naturalizando a presença desses grupos como mediadores, protetores ou provedores de ordem. Nesse contexto, grupos criminosos passaram a controlar áreas internas, oferecendo serviços informais de segurança, mediação de conflitos e até assistência, suprindo lacunas deixadas pelo poder público. Assim, a criminalidade não surgiu de forma abrupta, mas como resultado de processos estruturais de desigualdade, marginalização e abandono estatal.

A falta de infraestrutura, característica significativa das favelas, também é evidente na Rocinha e sempre foi uma forte demanda da população. Sendo um espaço autorregulado desde a sua origem, a população teve que lutar constantemente por seus direitos e reivindicar que políticas públicas também chegassem à favela, que parecia não fazer parte da cidade como os outros bairros. A falta de saneamento básico e segurança pública, alta densidade populacional e altos índices de pobreza eram questões latentes nas comunidades, e sem nenhuma intervenção externa não havia muitos caminhos para a melhora. A partir da década de 1970, impulsionadas por forte mobilização popular, começaram a ocorrer melhorias estruturais: foram implementadas creches, escolas, posto de saúde, além da canalização de valas, e, futuramente, instalação de redes de energia elétrica. Em 2010, a Rocinha ganhou uma passarela para pedestres projetada por Oscar Niemeyer, que se tornou um marco arquitetônico e simbólico de integração da comunidade ao restante da cidade, porém na prática a separação ainda era evidente.

2.4. A ROCINHA DE GEOVANI MARTINS

Em *Via Ápia*, Geovani Martins retrata a Rocinha em um período que vai do dia 27 de julho de 2011 até 26 de outubro de 2013, quando os moradores viveram a expectativa da instalação da UPP, a operação em si e as consequências deixadas na comunidade. Mesmo diante de um cenário que preocupava e gerava muitas incertezas sobre o futuro da população da Rocinha, a vida não parava de acontecer. O caos sonoro das ruas movimentadas, com comércio espalhado por todos os lados, bares e lanchonetes povoados por moradores indo e voltando de seus trabalhos, pouca coisa desacelerava o ritmo da favela, como é relatado pelo narrador:

Era muito doido como aquela rua ficava ligada sempre no duzentos e vinte, qualquer hora do dia ou da noite. É lógico que, devido ao horário, tinha vários doidões na pista. Os bêbados de sempre, os pancados atrás da próxima linha, mas não era só isso. Muita gente chegava ou saía pro trabalho, outros faziam um lanche ou só trocavam uma ideia com os amigos. Uma família com duas crianças aguardava por seus cachorros-quentes. Três horas da manhã. Aquilo era a Rocinha, um morro que não parava nunca (Martins, 2022, p. 123)³.

O romance também retrata personagens que se sentem seguros em sua comunidade de forma que não experimentam em nenhum outro lugar da cidade, como relatado a seguir pelo narrador, que acompanha as divagações de Douglas:

Num piscar de olhos, tava na Rocinha. É sempre a maior loucura, atravessar o túnel e chegar em outro mundo. (...) Estudou a vida toda na Rocinha, os primeiros trabalhos foram todos lá, demorou a sair do morro. Saía mais quando tinha que ir no médico, ou resolver alguma coisa de documento. Fora isso, aquela favela sempre foi seu universo. Cria da Rua 2, cresceu costurando os becos na área, conhece caminhos que muita gente nem imagina, lembra de várias paradas que não existem mais. Os amigos que trabalhavam ou estudavam fora, insistiam sempre pra ele dar um rolé na pista, nos bailes de outras favelas. Douglas chegou a ir em alguns shows em Ipanema, uns blocos no Leblon e até um baile na Vila do João. Mas não tinha jeito, gostava mesmo era de Roça Folia, show na Curva do S, o baile da Rua 1. Esse trabalho na Gávea era a confirmação de que o melhor era abrir o estúdio no morro, achar um barraco maneiro pra comprar no futuro, ficar tranquilo onde sempre teve à vontade (p. 123).

O processo histórico de segregação fez com que os jovens do romance vissem a comunidade como seu mundo, enquanto o restante da cidade aparece como um espaço hostil e marcado por barreiras simbólicas e materiais. Nascidos e criados ali, desde pequenos se viram afastados do restante da cidade e cresceram em um ambiente que os acolhe, onde são

³ A partir de agora, as citações de *Via Ápia* serão identificadas pelo número da página entre parênteses no corpo do texto.

reconhecidos e possuem vínculos afetivos e de solidariedade. Dessa forma, a Rocinha não surge apenas como cenário, mas como território afetivo e identitário, um lugar no qual eles se sentem vistos.

Biel é o único do grupo que transita pelos dois ambientes, a “pista” e a Rocinha, com mais tranquilidade. Pelo fato de ser branco, que, numa sociedade racista, funciona como se fosse um privilégio, sua socialização em diferentes locais da cidade é facilitada, fazendo com que consiga se misturar com os jovens da sua idade que têm condições financeiras melhores do que a sua e vivem em realidades muito diferentes. Biel inventa uma identidade para se misturar com esses *playboys*, como são chamados pelos meninos da favela, e vive uma vida de mentiras. Apenas ele expressa sua vontade de sair da Rocinha, sua aversão a toda insegurança, instabilidade e precariedade. Para Biel, considerar todos os pontos positivos de uma vida na comunidade não apaga ou diminui as deficiências de se viver nesse ambiente.

Fora isso, os cinco protagonistas de Geovani Martins estão completamente imersos no cotidiano da Rocinha e vivem seus dias de maneira intensa. Quando a operação da UPP começa, o ritmo da sociabilidade dos moradores da Rocinha é completamente modificado. A dinâmica com a qual estão acostumados é colocada em suspenso quando policiais passam a frequentar os becos e vielas da comunidade, supervisionando e acuando moradores. Antes, predominava um clima de paz na favela, sem ocorrer trocas de tiros há muito tempo. O morro era controlado por Antônio Francisco Bonfim Lopes, conhecido como Nem ou Nem da Rocinha, chefe do tráfico que administrava e comandava os negócios locais. A polícia não interferia e os traficantes resolviam grande parte dos problemas e demandas que surgiam na comunidade. Durante a operação, com a presença constante da polícia, moradores e traficantes passaram a viver em alerta constante, preparados para uma guerra ser travada a qualquer momento. Com as ruas lotadas de carros blindados da Polícia Militar e policiais fardados em cada esquina, o clima de hostilidade só se intensificou. E todos passaram a viver com medo das abordagens policiais e das potenciais trocas de tiros que poderiam pegar qualquer morador desprevenido.

3. IDEOLOGIA DO TRABALHO EM VIA ÁPIA

3.1. TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS

Considerando a contextualização histórica do surgimento das favelas no Rio de Janeiro, especialmente da Rocinha, torna-se possível desenvolver uma análise mais aprofundada e socialmente precisa do romance de Geovani Martins. A partir desse panorama, é viável articular

os aspectos sociais discutidos anteriormente às experiências cotidianas narradas em *Via Ápia*, sobretudo às diferentes ideologias do trabalho que atravessam a obra. Nesse contexto, a criminalidade aparece como um horizonte sedutor para os jovens — tanto do romance quanto de muitos outros territórios semelhantes fora do texto — ao oferecer alternativas concretas de sobrevivência que revelam conflitos e aspectos determinantes da realidade em que vivem.

Em *Via Ápia*, cada um dos protagonistas constrói diferentes relações com o trabalho em momentos particulares de suas vidas. No início do livro, os irmãos Washington e Wesley trabalham como garçons em uma casa de festas infantil na zona nobre da cidade. Ali, eles encaram frente a frente a segregação histórica que se estabeleceu ao longo de muitos anos ao lidarem com pessoas que os olham com desprezo e superioridade. Sob o comando de uma gerente autoritária, eles servem famílias ricas e garantem o bom andamento das festas realizando diferentes serviços de acordo com a escala a qual são submetidos. Washington suporta as provações no trabalho ao longo de 3 anos. Inicialmente, seus planos eram ficar ali por pouco tempo, apenas enquanto não atingia a idade necessária para o alistamento militar. Passados 3 anos, ele ainda se via preso naquele serviço que, apesar de precário e degradante, ainda garantia um pagamento ao final de cada evento. No capítulo inicial do romance, depois de uma discussão com a gerente, que o repreende por comer salgadinhos da festa escondido, Washington pede demissão. Seu principal objetivo passa a ser então conseguir um trabalho de carteira assinada. Ele vê a formalização principalmente como uma forma de garantir sua segurança física, pois nas abordagens policiais com as quais ele já está acostumado a lidar, ter o documento em mãos pode apaziguar a situação. Washington então consegue um emprego como lavador de pratos em um restaurante nobre da cidade, almejando subir de posição gradativamente na hierarquia do local. Em conversas com Gleyce, sua amiga/interesse amoroso, ele expressa a vontade de retomar os estudos interrompidos e quem sabe tentar uma vaga na universidade. No fim das contas, Washington é o personagem que trilha o caminho mais tradicional e que é mais bem visto pela sociedade, de acordo com a submissão ao trabalho, mas a violência policial tira sua vida em um dia comum, como acontece com tantos outros moradores de comunidades pobres.

Wesley chegou depois do irmão na casa de festas já pensando em não permanecer por muito tempo. Queria garantir um dinheiro certo todo mês, porém desde o início já demonstrava uma recusa à subalternidade. Seus planos eram economizar para comprar uma moto e trabalhar de mototáxi, dessa forma não teria que responder a nenhum patrão. Wesley encara o trabalho na casa de festas como um meio para conquistar sua autonomia – tão incentivada na era neoliberal. Depois que Washington pede demissão, Wesley se mantém no serviço por um tempo, realizando diferentes funções nas inúmeras festas. Quando tem um encontro sexual malsucedido com uma

colega de trabalho, o jovem fica com medo de que se espalhem boatos sobre ele e acaba abandonando o serviço. A partir de então começa a abusar do uso de cocaína, que antes utilizava recreativamente. O ócio gerado pelo desemprego é entediante e desmoralizante, então ele recorre às drogas para apaziguar a angústia. Acaba desistindo também dos planos de virar mototáxi depois de ser reprovado na prova de direção e não conseguir tirar sua carteira de motorista. Até presta alguns serviços manuais no morro, mas não consegue se firmar em nada. Ao fim do romance, depois de perder o irmão para a violência policial, Wesley se recupera do vício e começa a trabalhar como faxineiro na Biblioteca Parque, na Rocinha.

Os outros três protagonistas do romance - Biel, Douglas e Murilo - também têm experiências distintas com o trabalho. Murilo ingressa no Exército depois de repetir o segundo ano na escola e abandonar os estudos. No começo, seguiu a carreira militar só para ganhar dinheiro, que era pouco mais do que um salário-mínimo, pensando em seguir outro caminho logo. Porém dois anos se passam e ele continua servindo, mesmo recebendo pouco e não conseguindo economizar. Com a operação policial iminente, Murilo tem o pesadelo recorrente de que, com a invasão, ele será colocado contra as pessoas com quem cresceu e conviveu desde pequeno, sendo obrigado a perseguir e matar aqueles que são seus iguais. Depois de uma situação em que, junto com outro policial, abordou e ameaçou um jovem e quase cedeu à raiva e à sensação de poder embutida na farda que usava, Murilo decide abandonar o Exército. A partir de então, passa a realizar serviços dentro na comunidade, quase sempre trabalhos braçais. Na parte final do romance, ele está trabalhando em uma barraca de praia e faz planos de abrir seu negócio de aluguel de pranchas de surfe.

Douglas trabalha como entregador de farmácia e passa a maior parte de seus dias rodando a cidade do Rio de Janeiro em sua bicicleta. Ele é o único que realmente sonha com um trabalho não alienado, ligado ao que ele gosta, a arte, e que tenta construir um caminho profissional próprio. Desde criança foi apaixonado por desenhar, e já na sua juventude viu a oportunidade de transformar sua paixão em trabalho através das tatuagens. Com o trabalho na farmácia e, depois, pequenos “bicos” que realiza na comunidade, Douglas planeja juntar dinheiro para conseguir comprar os equipamentos necessários para começar a atuar como tatuador. Posteriormente, acaba ganhando de Biel, que dos cinco é quem tem melhores condições financeiras, os equipamentos de que precisa. Começa a praticar em seus amigos que se oferecem como “cobaias”, até que finalmente passa a exercer o ofício. Douglas é seduzido pela ideia do empreendedorismo e de ter seu próprio negócio, tendo o projeto de aprimorar cada vez mais sua arte e suas habilidades técnicas a fim de abrir seu próprio estúdio de tatuagem no morro.

Já Biel ganha a vida vendendo drogas na Zona Sul da cidade. Seu maior objetivo é ter dinheiro suficiente para conseguir bancar a vida inventada por ele. Desde pequeno, percebeu como era visto de forma diferente pelas outras pessoas devido à cor de sua pele (branca). Quando fez o ensino fundamental em uma escola municipal, não raras eram as vezes em que ele e seus colegas iam passear no shopping Leblon depois da aula. Naquele ambiente elitizado, ele percebeu como os seguranças seguiam seus amigos, em sua maioria crianças negras, e também o olhar hostil de clientes e vendedores. Nos dias em que ia passear sozinho, notava um tratamento totalmente diferente. Desde então, Biel decidiu que queria aquela vida de elite, por isso ele decide se passar por *playboy* e se misturar com as pessoas cujas vidas ele desejava. Para acompanhar seus amigos ricos, ele precisa ter condições de frequentar as mesmas boates, mesmos bares, utilizar as mesmas roupas, então segue na empreitada de vender drogas, também almejando conseguir dinheiro para alugar um apartamento fora da favela. Depois de muito tempo empenhado em performar essa vida dupla, Biel percebe que no fim das contas não consegue juntar dinheiro algum, pois gasta tudo para fingir que não precisa de dinheiro perto dos amigos ricos. Ele passa a perceber toda a futilidade daquela vida que sempre cobiçou, nota que os meninos com quem ele andava nunca teriam as mesmas preocupações que ele, como ser pego traficando ou mesmo fazendo o uso de drogas, além de nunca precisarem economizar dinheiro. A partir disso, Biel decide vender principalmente no morro, onde se sentia mais seguro, e se afastar daquela vida inventada. Ele também passa a se questionar quanto à grande engrenagem do tráfico, que movimenta tanto dinheiro, enquanto os trabalhadores que servem a esse mercado veem muito pouco dessa soma. Depois de largar os negócios na praia, ele até tenta se estabelecer em um trabalho, também informal, chegando a acompanhar Murilo como ajudante de pedreiro em uma obra. Mas não dura muito tempo no serviço, o que vê com bons olhos, pois não lhe agradava trabalhar o dia inteiro debaixo de sol e chuva e ganhar apenas 25 reais por dia. Posteriormente, Biel inicia um negócio vendendo roupas contrabandeadas dos Estados Unidos e faz planos de abrir uma loja no Vidigal, onde passa a morar.

3.2. INFORMALIDADE COMO MEIO PARA A LIBERDADE: FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA

Analizando todas as experiências dos cinco protagonistas com diferentes trabalhos, nota-se que, exceto por Washington, nenhum deles aspira a um trabalho formal, de carteira assinada. As representações da formalidade no romance são escassas e aparecem sobretudo por meio de menções a moradores que vão e voltam de seus empregos ou pelas expectativas nutridas por

Washington, cuja visão de futuro ainda se apoia na promessa de estabilidade associada ao trabalho formal. Em contraste, a informalidade se apresenta como o eixo que sustenta a vida da maior parte dos moradores da Rocinha retratada por Geovani Martins, marcado pela precariedade, pela intermitência e pela necessidade de improvisação contínua – a “viração”.

No romance, percebe-se que a ideologia do trabalho deixa de fazer sentido para essas personagens. A partir de suas próprias experiências, especialmente no caso de Douglas, Murilo e Wesley, torna-se evidente que o servilismo e a subalternidade não oferecem os retornos esperados e tampouco compensam o desgaste físico e emocional a que são submetidos. Presos a jornadas exploratórias, patrões autoritários e salários desmotivadores, esses jovens acabam aderindo à informalidade que, ainda que não garanta uma melhora financeira significativa, ao menos os livra dos horários rígidos, da subserviência e das contínuas humilhações impostas por patrões e clientes. Essa perspectiva fortemente presente no romance expressa a situação social contemporânea de pessoas de classes mais baixas e contextualiza a forma como se relacionam com a ideologia do trabalho. Considerando o panorama sociopolítico do Brasil nos anos retratados no romance, é possível associar a ascensão de uma lógica neoliberal à concepção que as pessoas das camadas mais pobres da sociedade têm do trabalho.

Com a virada neoliberal, que ocorreu a partir da década de 90 no governo Collor, dentre tantas mudanças, a precarização das relações de trabalho foi uma das que mais afetou a vida da população brasileira. A Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) era, até o momento, a principal legislação que regulamentava as relações de trabalho e garantia aos trabalhadores seus direitos. Reunindo normas que diziam respeito a jornada de trabalho, remuneração, férias, tempo de serviço, segurança, entre outros, a CLT garantia que fossem cumpridos os direitos e deveres de empregados e empregadores. Como em várias partes do globo, o neoliberalismo chega suprimindo todas essas conquistas do trabalhador brasileiro e implementando novas normas que visavam cada vez mais a acumulação de capital das grandes empresas em detrimento da justa valorização da força de trabalho. O foco das políticas públicas passou de garantir proteção social e direitos aos trabalhadores a flexibilizar contratos, reduzir benefícios e minimizar encargos trabalhistas. Como consequência, ampliou-se de forma significativa a informalização do trabalho: milhares de trabalhadores foram demitidos, perderam direitos ou migraram voluntariamente para a informalidade em busca de alternativas de subsistência diante do enfraquecimento das garantias formais.

As personagens do romance observam nas pessoas ao seu redor os efeitos diretos das políticas neoliberais, ao mesmo tempo em que vivenciam em suas próprias trajetórias as consequências da precarização. Dessa forma, a informalidade surge para eles como a

possibilidade de liberdade e independência que projetam para suas vidas, sobretudo porque não possuem exemplos concretos de que a submissão ao trabalho formal possa garantir o retorno prometido. Dona Marli, mãe de Washington e Wesley, é a figura que sintetiza essa precarização: empregada doméstica na casa de famílias de classe média e alta da Zona Sul do Rio de Janeiro, ela trabalha sem carteira assinada, enfrenta longas jornadas, não recebe horas extras nem férias remuneradas e é tratada essencialmente como força de trabalho da qual se busca extrair o máximo sem contrapartida justa. Dona Marli não questiona a precarização à qual é submetida, apenas cumpre seu papel em um sistema de exploração dos mais pobres, perpetuando um ciclo de submissão e precarização do qual os protagonistas do romance procuram fugir.

Washington vê a ideologia do trabalho pela qual se guiou por tanto tempo se desfazer quando começa a trabalhar de carteira assinada lavando louça em um restaurante da Zona Sul do Rio de Janeiro. Nesse emprego, percebe que a formalização oferece poucas vantagens e ao contrário do que esperava, interfere negativamente em outras dimensões de sua vida. Ele relata que o trabalho consome toda sua energia e que, ao chegar em casa, só consegue pensar em descansar para o dia seguinte. Mesmo em seus dias de folga, não consegue se desligar da rotina cansativa e pouco recompensadora. Seu tempo de lazer é constantemente prejudicado pelas exigências do emprego, o que também é visto pelos demais protagonistas do romance como um elemento que reforça a rejeição ao trabalho formal. A partir da experiência de Washington, eles concluem que não vale a pena abrir mão da convivência social e do próprio bem-estar por um trabalho que os explora, oferece baixa remuneração e os reduz a mera força de trabalho. Diante disso, voltam-se para a alternativa que lhes parece mais atraente: a informalidade, recusando a submissão a um sistema que, embora prometa estabilidade e reconhecimento, falha em garantir a dignidade que procuram.

É nesse cenário neoliberal que Ludmila Abílio articula o conceito de uberização, pensado como “um novo tipo de gerenciamento, controle e organização do trabalho” (Abílio, 2017; 2020). Abílio faz uma análise do trabalho de *bikeboys* e motoboys e discute a participação de jovens negros e periféricos nesse novo tipo de gerenciamento. O que se observa a partir de sua argumentação é um fenômeno em que o trabalhador vê na informalidade a oportunidade de trabalhar para si mesmo, sem se submeter à hierarquia das organizações de trabalho formal, administrando seus horários sem precisar responder a um patrão. Nesse regime, não há regras estáveis que definam remuneração, tempo e distribuição do trabalho ou duração da jornada, o que possibilita que processos de degradação do trabalho sejam naturalizados. Para Abílio (Abílio, 2020, p.580), esse novo tipo de gerenciamento e organização do trabalho administra de forma centralizada os modos de vida periféricos, que agora estão sendo subordinados a entidades

centralizadas na condição de trabalhador uberizado. Além disso, ela evidencia que o acesso dos jovens negros a ocupações uberizadas é ampliado na medida em que as condições dessa ocupação são cada vez mais precarizadas e mal remuneradas (Abílio, 2020, p.592).

Abílio explora também a noção de “autogerenciamento subordinado”: o trabalhador, ao se submeter à atividade uberizada e informal, acredita estar conquistando sua independência e autonomia, quando na verdade é exercido sobre ele um controle que “opera de modo informalizado, não localizável, mas racionalizado, que regula a produtividade do trabalhador, transfere-lhe riscos e custos sem nem mesmo garantir sua remuneração.” (Abílio, 2020, p.584). A necessidade do autogerenciamento se dá justamente na ausência de redes de proteção social que falham em gerar oportunidades para as camadas mais pobres. Essa suposta autonomia esconde o fato de que, apesar de ter o poder de decidir sobre a duração e distribuição de sua jornada de trabalho, o trabalhador ainda está subordinado ao controle e às determinações de uma empresa e de um sistema econômico.

Em *Via Ápia*, a trajetória de Douglas e o seu desejo incessante de se tornar tatuador e abrir um estúdio no morro expressa a característica do empreendedorismo como manifestação do empenho do indivíduo na administração de si e como uma responsabilização do sujeito por criar formas de garantir sua sobrevivência. Quando trabalhava na farmácia, Douglas percebeu como eram precárias as condições de trabalho e como a quantia que ele ganhava era insuficiente para custear suas despesas e também sua profissionalização enquanto tatuador. Dessa forma, ele decide se concentrar em aprimorar seus desenhos e, sozinho, dominar o ofício. Seu esforço contínuo para desenvolver habilidade técnica, adquirir materiais e conquistar clientes revela como o empreendedorismo no contexto da favela surge menos como escolha e mais como imposição velada, funcionando como alternativa diante da precarização das relações de trabalho e da constante insegurança econômica.

Biel e Murilo também optam por seguir o caminho da informalização, ainda que por vias distintas das de Douglas. No caso de Biel, sua trajetória evidencia como a ausência de perspectivas reais de mobilidade social pelo trabalho formal o direciona para atividades ilícitas, nas quais encontra reconhecimento, circulação de dinheiro e uma forma imediata, embora arriscada, de assegurar sua sobrevivência. Já Murilo, ao aderir a trabalhos pontuais e mal remunerados, revela outra faceta da precarização: a multiplicidade de “bicos”, marcada por instabilidade e baixa proteção social, que exige dele uma permanente disposição para aceitar qualquer tarefa disponível. A situação de ambos expressa, portanto, a lógica do trabalho neoliberal que faz com que jovens periféricos vejam a informalidade como a melhor via para

obter renda e garantir algum grau de autonomia e liberdade em um contexto marcado pela precarização das relações de trabalho.

4. JUVENTUDE CERCADA: CRIMINALIDADE À ESPREITA EM VIA ÁPIA

4.1. ADOLESCÊNCIA ENQUANTO PROBLEMA SOCIAL

O cenário contemporâneo das relações de trabalho e seus efeitos nas camadas mais pobres e periféricas da sociedade ajudam, portanto, a compreender o motivo de tantos jovens serem atraídos e cooptados pela criminalidade. Nas favelas, onde o narcotráfico se estabeleceu como um sistema econômico e de trabalho que opera à margem, e muitas vezes em substituição, ao mercado formal, essa dinâmica se intensifica. A ausência de perspectivas concretas de mobilidade social, somada à precarização estrutural do trabalho e à fragilidade de políticas públicas, faz com que o tráfico se configure como uma possibilidade real de reconhecimento, fonte de renda e pertencimento, ainda que marcada por riscos e violência, para muitos jovens periféricos. No entanto, para compreender plenamente por que jovens marginalizados estão mais suscetíveis à cooptação pela criminalidade, não basta considerar apenas os condicionantes socioeconômicos: é preciso também analisar como a própria categoria “adolescente” foi historicamente construída como um problema social.

Os autores do ensaio “O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana” argumentam que a noção de adolescência não é biológica nem universal, mas um “fenômeno contemporâneo à emergência e à consolidação da sociedade moderna em fins do século XVIII (...)” (Adorno et al., 1999, p. 64), sendo produzida por discursos médicos, jurídicos e educacionais que passaram a delimitar essa etapa da vida como um período crítico, instável e que demanda intervenção e atenção especializada. Desse modo, a adolescência se transforma em uma categoria social carregada de expectativas normativas que classificam o jovem como vulnerável, inacabado e potencialmente perigoso, justificando o crescente interesse de instituições de controle e de saber na sua vigilância e correção. O artigo mostra que essa construção histórica contribuiu para que, ao longo do século XX, o adolescente deixasse de ser apenas um indivíduo em formação e passasse a ser percebido como um problema público, sobretudo quando inserido em contextos sociais vulneráveis. Assim, antes mesmo de se examinar empiricamente sua participação na criminalidade, a sociedade já o inscreve em um imaginário de risco, onde a juventude periférica é lida como ameaça à ordem social.

Ainda no ensaio citado, afirma-se que a cooptação de jovens pelo crime organizado ocorre não apenas como resposta às injustiças sociais vividas pelas camadas mais pobres e periféricas da sociedade ou às dificuldades de inserção no mercado formal de trabalho, mas também pelos “atrativos oferecidos pela sociedade de consumo e pelas possibilidades de afirmação de uma identidade masculina associada à honra e à virilidade (...)” (Adorno et al., 1999, p. 72). Esses jovens são atraídos não só pela necessidade econômica, mas pela promessa de status social, independência, prestígio, respeito e dignidade, pela possibilidade, enfim, de se sentirem pertencentes a uma comunidade. Tudo o que a sociedade e o Estado falharam em lhes dar, o crime oferece. Para muitos, parece ser uma escolha fácil. A criminalidade se constitui, assim, como um espaço simbólico de afirmação no qual a busca por reconhecimento e por um lugar no mundo se entrelaça com lógicas de poder e pertencimento, criando um sentido de identidade que dificilmente é alcançado nos circuitos formais de trabalho e sociabilidade por jovens marginalizados.

4.2. A FAZELA COMO UM ESPAÇO PREDOMINANTEMENTE JUVENIL

A análise sobre a atração exercida pelo crime organizado sobre jovens periféricos ganha ainda mais força quando se considera a própria configuração demográfica das favelas e periferias urbanas, espaços caracterizados pela concentração de uma população majoritariamente jovem. O Censo 2022, realizado pelo IBGE⁴, demonstra que a média dos moradores das favelas tem menos idade do que a média do Brasil. No país, 10,9% da população tem 65 anos ou mais. Nas favelas, o índice cai para 6,6%. Esse fenômeno, longe de ser casual, é fruto da histórica periferização da pobreza, que desloca grupos sociais marginalizados. Além disso, não são desenvolvidas políticas públicas que busquem educar os moradores das favelas sobre questões relativas à natalidade, métodos contraceptivos ou planejamento reprodutivo, o que contribui para taxas de fecundidade mais elevadas nessas regiões. A ausência de programas eficazes de saúde sexual e reprodutiva, somada à precariedade estrutural das escolas e à dificuldade de acesso contínuo aos serviços de saúde, reforça círculos de vulnerabilidade que mantêm a juventude concentrada e desassistida nesses territórios. As favelas tornam-se espaços onde a presença de uma população jovem, desprovida de oportunidades educacionais, culturais e econômicas, se combina à atuação de grupos criminosos, criando um contexto em que o recrutamento juvenil pelo narcotráfico encontra terreno fértil. Nesse cenário, a juventude periférica não apenas

⁴ <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2024/11/08/moradores-de-favelas-sao-mais-jovens-e-mais-negros-que-media-do-pais.ghtml>

convive cotidianamente com a criminalidade, mas também se vê interpelada por estruturas de poder paralelas que oferecem reconhecimento, pertencimento e meios de sobrevivência negados pelo Estado.

Nesse contexto demográfico e estrutural, a presença ampla de adolescentes e jovens nas favelas amplia não apenas a vitalidade social desses territórios, mas também intensifica sua exposição à criminalidade. A favela se converte, então, em um espaço onde juventude e exclusão se articulam, facilitando dinâmicas de cooptação por redes criminosas, não porque seus moradores sejam “naturalmente propensos” ao crime, mas porque ali se concentram tanto a energia social e simbólica própria da juventude quanto as condições estruturais que limitam suas possibilidades de mobilidade.

4.3. CRIMINALIDADE EM VIA ÁPIA

No romance de Geovani Martins, o desejo pelos “atrativos oferecidos pela sociedade de consumo” é expresso principalmente por Biel, que começa a vender drogas com o objetivo de custear a vida de *playboy* que sonha ter, utilizando as melhores roupas, frequentando lugares renomados e tentando se inserir em espaços sociais de onde se sente afastado. Circular entre esses grupos e agir como um deles lhe traz um senso de pertencimento e dignidade que não é proporcionado por nenhum outro meio dentro do contexto social em que está inserido. Portanto, o crime se apresenta para Biel como uma via de ascensão e reconhecimento, permitindo-lhe performar uma identidade desejada que o mercado de trabalho formal e sua condição socioeconômica não lhe ofereceriam com tanta facilidade. É nesse sentido que sua entrada no tráfico ultrapassa a necessidade material: ela cumpre também a função de colar nele uma imagem social valorizada, ainda que artificial, capaz de preencher o vazio afetivo e identitário produzido pela desigualdade estrutural. Douglas, em uma análise acerca da vida de mentiras que Biel levava, chega à seguinte conclusão: “Na real mesmo, parece que Biel não consegue se olhar no espelho e entender quem ele é, por isso é que vive se derramando” (p. 37). Ele percebe que o amigo buscava no tráfico não apenas dinheiro, mas sobretudo uma identidade alternativa, uma versão de si mesmo mais valorizada socialmente.

Os protagonistas do livro estão no final da adolescência, somente Washington e Douglas já passam dos vinte anos, e convivem cotidianamente com a criminalidade à sua espreita. Eles frequentam bocas de fumo com a finalidade de comprar maconha para uso próprio – apenas Biel também compra para revender - e mantêm contato direto com uma parte da rede criminosa que estrutura a vida na Rocinha. Nesses espaços, não raro se deparam com meninos da sua idade

portando metralhadoras imponentes, em alguns casos jovens que conhecem desde a época da escola. Em um determinado momento da narrativa, Wesley visita uma dessas bocas de fumo para comprar maconha e, em meio a soldados do tráfico e usuários de droga, passa um tempo descontraído jogando conversa fora. A tensão surge quando um informante anuncia a aproximação da polícia, obrigando todos a subir o morro até a base do grupo. Sem alternativa segura, Wesley os acompanha e, nesse movimento, se vê momentaneamente integrado ao coletivo, como se fosse ele mesmo um soldado indo se apresentar ao chefe. Misturam-se ali o medo e uma sensação paradoxal de proteção, já que o grupo cresce a cada minuto e muitos estão fortemente armados, o que reduz a probabilidade de confronto policial. Ao chegar à base, Wesley se depara com uma cena impressionante: mais de quarenta homens armados e a figura do chefe da quadrilha, revelando de forma contundente a proximidade entre o cotidiano dos jovens da favela e o poder organizado do crime.

Nessa situação, fica claro como a criminalidade literalmente cerca esses jovens e parece exercer cada vez mais pressão sobre eles. Inserida na rotina de cada um, ela se apresenta a todo momento como uma via possível, quase naturalizada, sobretudo diante da convivência diária com armas, soldados e chefes do tráfico que ali circulam como figuras de autoridade e respeito. A proximidade constante com esse universo, que não decorre apenas da necessidade de comprar drogas, mas do fato de o tráfico estruturar parte significativa da dinâmica social da favela, produz um ambiente em que a fronteira entre “fazer parte” e “estar apenas por perto” pode ser facilmente cruzada. Para muitos desses jovens, como se vê no episódio vivido por Wesley, basta um deslocamento, um passo inesperado, para que sejam momentaneamente absorvidos pela lógica do crime, experimentando simultaneamente o medo e a sensação de pertencimento e proteção que essa estrutura oferece. Nesse sentido, o romance evidencia como, na Rocinha (e em outras comunidades pobres no Brasil), o crime não aparece apenas como uma escolha individual ou moral, mas como uma força que compõe o espaço social, moldando trajetórias, subjetividades e possibilidades de vida para jovens que crescem cercados por essa realidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Via Ápia sintetiza questões sociais, políticas e econômicas que remontam a processos históricos de longo curso e regem a vida das pessoas que habitam as periferias urbanas. Ao evidenciar como essas dinâmicas atravessam o cotidiano das personagens, a obra revela que suas experiências não são fruto apenas de vivências individuais, mas de continuidades históricas que estruturam tanto as possibilidades quanto os limites da vida nas periferias do Rio de Janeiro. O desencanto com a ideologia do trabalho pelos protagonistas evidencia aspectos da lógica neoliberal que precariza as relações de trabalho e esvazia as promessas de mobilidade social, convertendo o emprego formal em um espaço de exploração, desgaste e frustração. Essa desilusão, longe de ser um fenômeno isolado, reflete um contexto mais amplo no qual o trabalho é transformado em dispositivo de controle do qual jovens periféricos preferem se afastar, optando pela informalidade como forma de preservar a liberdade que almejam. Ao mesmo tempo, a obra mostra como, diante desse cenário, a criminalidade surge não apenas como um caminho possível, mas como uma resposta pragmática às limitações estruturais impostas pela desigualdade, pela falta de oportunidades e pela exclusão sistemática que moldam o território em que estão posicionados.

Este trabalho buscou examinar processos históricos que explicam a formação das desigualdades que atravessam os territórios periféricos do Rio de Janeiro e que, de maneira decisiva, caracterizam as trajetórias narradas em *Via Ápia*. Ao reconstruir o contexto de surgimento das favelas e relacioná-lo às experiências dos personagens, procurou-se demonstrar como a obra de Geovani Martins opera como uma lente crítica capaz de evidenciar tanto a persistência dessas estruturas quanto seus efeitos diretos na constituição das subjetividades da juventude marginalizada. A análise procurou, ainda, mostrar que o romance não apenas representa a realidade das periferias, mas também denuncia as contradições de um modelo social que, ao mesmo tempo em que exalta o trabalho como via de realização pessoal, produz mecanismos de exclusão que tornam essa promessa inacessível para grande parte da população.

Considerando a origem das primeiras favelas do Rio de Janeiro, foi possível reconhecer o solo histórico sobre o qual se inscreve a obra de Geovani Martins, situado em um cenário marcado por complexidades estruturais, sociais e econômicas. A análise dos fatores que impulsionaram os primeiros grupos a se assentarem em áreas periféricas da cidade permitiu compreender de que maneira se consolidou um processo de segregação socioespacial que acompanha o desenvolvimento urbano carioca desde as primeiras formações de moradias irregulares. A precarização das condições de vida dos moradores desses territórios, observada

ainda hoje, torna-se mais inteligível quando inserida nesse processo histórico de exclusão sistêmica que atravessa décadas. Essa perspectiva histórica, portanto, ilumina as inúmeras tensões que atravessam o romance e contextualiza as experiências narradas pelos personagens, evidenciando que elas derivam de dinâmicas estruturais de longa duração.

A perda de força da ideologia do trabalho entre jovens periféricos, aspecto igualmente verificado em *Via Ápia*, também é um sintoma de processos históricos. Nesse ponto, é decisiva a ascensão do neoliberalismo no Brasil e seus efeitos nas relações de trabalho, entre os quais a precarização se destaca como um dos desdobramentos mais profundos e disseminados. No romance, esse processo é verificado através da predominância da informalidade e da “viração”, que parecem sustentar a vida da maior parte dos moradores da Rocinha de Geovani Martins. Ao mesmo tempo, essa instabilidade estrutural empurra muitos jovens para trajetórias em que a fronteira entre sobrevivência e criminalidade se torna tênue. O enfraquecimento da ideologia do trabalho, somada à necessidade imediata de renda e ao desejo por reconhecimento, dignidade e validação faz com que atividades ilícitas surjam como alternativas pragmáticas e, muitas vezes, mais rentáveis para muitos jovens, como é verificado no romance de Geovani Martins.

Via Ápia, encerra em sua narrativa trajetórias de cinco jovens periféricos que denunciam tensões históricas de longa duração, marcadas pela desigualdade, pela precarização e pela presença estruturante da criminalidade. Ao articular suas trajetórias a processos sociais amplos, a obra de Geovani Martins evidencia que as escolhas, os impasses e as formas de resistência dos jovens retratados estão imbuídos de condicionantes estruturais que ultrapassam em muito a esfera individual, revelando como seus caminhos são moldados por forças sociais que delimitam possibilidades, restringem futuros e naturalizam a violência como horizonte cotidiano.

REFERÊNCIAS

MARTINS, Geovani. **Via Ápia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FONTANA, Clarissa Peres. A evolução do trabalho: da pré-história até ao teletrabalho. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 1155-1168, jul. 2021.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização e juventude periférica. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 39, n. 03, p. 579-597, set./dez.. 2020.

ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato Sérgio de. O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 62-79, 1999.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Harvey, David. **O neoliberalismo, história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

OTSUKA, Edu Teruki; RABELLO, Ivone Daré. **Via Ápia. A Terra é Redonda**, 2023. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/via-apia/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=novas_publicacoes&utm_term=2023-02-06 Acesso em:

CARVALHO, Janaína. Conheça a história da 1ª favela do Rio, criada há quase 120 anos. **G1**, Rio de Janeiro, 12 jan. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/01/conheca-historia-da-1-favela-do-rio-criada-ha-quase-120-anos.html>. Acesso em: 15 nov. 2025

PAULO, Paula Paiva. Moradores de favelas são mais jovens e mais negros que média do país, afirma IBGE. **G1**, 08 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2024/11/08/moradores-de-favelas-sao-mais-jovens-e-mais-negros-que-media-do-pais.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2025.

COMO NASCERAM AS FAVELAS E COMO O CRIME DOMINOU OS MORROS. Brasil Paralelo, 31 out. 2025. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/como-nasceram-as-favelas-e-como-o-crime-dominou-os-morros>. Acesso em: 16 nov. 2025.

ENTENDA AGORA COMO SURGIRAM AS FAVELAS NO RIO DE JANEIRO. Brasil Paralelo, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/favelas-no-rio-de-janeiro>. Acesso em: 16 nov. 2025.

MAGALHÃES, João Carlos Ramos. Histórico das favelas na cidade do Rio de Janeiro. **Desafios do Desenvolvimento**, Brasília, 19 nov. 2010. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?Itemid=23&id=1111%3Acatid%3D28&option=com_content&view=article. Acesso em: 13 nov. 2025.

PENA, Rodolfo F. Alves. Êxodo rural no Brasil. **Mundo Educação, UOL**, 2020. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/Exodo-rural-no-brasil.htm>. Acesso em: 15 nov. 2025.

BARBOSA, Mariana de Oliveira Lopes. Guerra de Canudos. **Brasil Escola, UOL**, [S.d.]. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/canudos.htm>. Acesso em 15 nov. 2025.

ROCINHA. **Wikifavelas**, 2025. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/index.php/Rocinha>. Acesso em: 16 nov. 2025.

ROCINHA CONTINUA SENDO A MAIOR FAPELA DO BRASIL. SOL NASCENTE VEM EM SEGUIDA. **Agência Gov**, 2024. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202411/rocinha-continua-sendo-a-maior-favela-do-brasil-sol-nascente-vem-em-seguida>. Acesso em: 14 nov. 2025